



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GÊNEROS ORAIS NA FORMAÇÃO DO ALUNO COMO SUJEITO ATIVO NA SOCIEDADE¹

Irando Alves Martins Neto²

RESUMO: Estamos vivendo um processo de profundas transformações sociais, de modo que as exigências do mercado de trabalho e das relações sociais estão cada vez mais complexas. Nesse sentido, se as principais finalidades da educação brasileira são desenvolver plenamente o educando, preparar-lhe para o exercício da cidadania, qualificá-lo para o trabalho e fornecer-lhe meios para progredir em estudos posteriores, há a necessidade de se refletir sobre práticas educacionais que considerem o contexto social em que vivemos. Motivado pela pouca ênfase dada ao ensino de língua oral na escola, o objetivo deste trabalho é apontar a importância do ensino de gêneros orais como colaborador para a plena participação do aluno-sujeito na sociedade. Com apoio em referenciais teóricos acerca de linguagem e educação, o estudo defende que sem um trabalho planejado que tenha como centralidade o desenvolvimento da oralidade não é possível atingir os objetivos determinados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Além disso, serão sugeridas algumas atividades de língua falada, as quais poderão ser realizadas em diferentes séries dos ensinos fundamental e médio, com o intuito de colaborar com as práticas de professores de Língua Portuguesa, a fim de que esses educadores consigam melhor preparar seu educando para o mundo vivido fora da escola.

Palavras-chave: Transformações Sociais; Práticas Educacionais; Gêneros Orais.

THE IMPORTANCE OF TEACHING CONVERSIONAL GENRES AS A WAY OF EDUCATING STUDENTS TO ACTIVELY PLAY THEIR ROLES IN SOCIETY

ABSTRACT: We are living a process of huge social transformations such that the demands on labor market and social relations are getting more and more complex. In doing so, considering the main purposes of Brazilian education are fully develop the students, prepare them for the citizenship, qualify them for the market and provide them with ways to advance in further studies, there is some need to reflect about educational practices which take into account the social context which we live. Motivated due to the little

¹ Este trabalho é fruto das reflexões da disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa, realizada durante a graduação em Letras, sob orientação da Prof^a Me. Berta Lúcia Tagliari Feba.

² Graduado em Letras pela Faculdade de Presidente Prudente (FAPEPE). Professor do Centro de Estudos Britânicos de Presidente Prudente.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



emphasis given to oral language development in school, the objective of this article is to point out the importance of teaching conversational genres as a way of contributing to students' active participation in the society. This study is grounded in language and education theory and defends that it is only possible to achieve the goals drawn up by the Brazilian Law Guidelines of National Education (LDB in Portuguese, which stands for Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) if there is a planned work which focuses on the development of orality. Also, some oral activities will be suggested, which can be applied in various grades of elementary and high school, in the endeavor to contribute to Portuguese teachers' practices, so that they can better prepare their students to real life.

Key-words: Social Transformations; Educational Practices; Conversational Genres.

Introdução

Nos dias atuais, as exigências do mercado de trabalho e das relações sociais fazem necessárias reflexões acerca da formação humana, tanto no que diz respeito ao conteúdo sistêmico quanto à personalidade e, sobretudo, aos modos de agir nessa sociedade complexa.

Com o enfoque sobre a importância do ensino de gêneros orais na escola, pretendemos apontar de que forma o domínio de situações comunicativas da modalidade oral pode contribuir para a atuação de sujeitos na sociedade. Além disso, mostramos que sem um trabalho planejado que tenha como centralidade o ensino da oralidade não é possível atingir aos objetivos da educação brasileira determinados pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

O trabalho foi motivado pela pouca ênfase dada ao ensino de gêneros orais do discurso pela escola. Em outros termos, pela necessidade de intensificar a importância dessa modalidade da língua no mundo em que vivemos.

Para tanto, este estudo é fundamentado em referenciais acerca de linguagem, educação e sociedade. Desse modo, mostraremos uma série de teorias básicas, base para a formulação do trabalho. Em seguida, serão sugeridas algumas atividades com gêneros orais possíveis de serem aplicadas em diversas



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



séries do ensino escolar. Nas considerações finais, apresentaremos uma síntese explanatória do estudo que valida a tese inicial do pesquisador sustentada no conteúdo teórico.

Sociedade atual e educação

Levando em consideração que a escola é a preparação para o mundo fora dela, entendemos que seja essencial planejar aulas e projetos que se vinculam às práticas sociais. Do contrário, não faria sentido estudar. Nesse sentido, defendemos a ideia de que as práticas educacionais atuais deixam de lado fatores muito importantes para o desenvolvimento pleno do educando, sua preparação para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho. Em outros termos, acreditamos que, em geral, a escola não consegue atingir seus objetivos de maneira eficiente, pois não coloca os alunos diante de muitas situações reais como debates, entrevistas de emprego, discursos.

A fim de atingir as finalidades do sistema educacional, precisamos, em primeiro lugar, entender as grandes transformações que a sociedade atual vem vivendo. Na tentativa de explicar em que consiste esta nova revolução, Tedesco (1998, p. 17) discorre sobre “três áreas em que ocorrem processos importantes de transformação: o *modo de produção*, as *tecnologias da comunicação* e a *democracia política*”. Neste trabalho, optamos por discutir sobre o modo de produção, as tecnologias da comunicação e a transitoriedade resultante dessas duas áreas, por entendermos que são elas as principais características da contemporaneidade.

No que se refere ao modo de produção, notamos que o mercado de trabalho atual exige profissionais polivalentes, equipes multitarefadas, valorizando aqueles que se adaptam facilmente a mudanças. Isso porque a empresa moderna precisa ser renovada constantemente, pois, após a Revolução Industrial, a cada dia são apresentados novos produtos que serão sonhos de consumo ou tornar-se-ão necessidades para o homem contemporâneo. É nesse sentido que o modo de produção não está relacionado somente com a produção em si, mas também com o consumo. Com o consumo imediato de cada invenção vem a necessidade da inovação também imediata, como lembra Tedesco (1998, p. 18) ao dizer que “a



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



inovação e a melhora contínua tornaram-se uma necessidade das empresas modernas. Os ciclos de vida dos produtos encurtam-se cada vez mais, o que obriga a uma renovação constante de projetos”

Com as rápidas mudanças e exigência do “novo”, cria-se certa instabilidade profissional e “o sistema de produção baseado no uso intensivo de conhecimento só pode assegurar condições de plena realização pessoal para uma minoria de trabalhadores” (Tedesco, 1998, p. 18-19). O que se quer dizer é que, diferentemente do século XIX, em que quanto maior o nível de escolaridade maior a posição social (Tedesco, 1998), nos dias atuais, além de diplomas, o mercado exige profissionais inovadores, polivalentes, motivadores, capazes de adaptar-se e socializar-se a diferentes contextos. Mais importante, o mercado de trabalho de hoje procura trabalhadores criativos e que saibam liderar, trabalhar em equipe e se comunicar de maneira proficiente.

Sobre as tecnologias de informação, Tedesco (1998, p. 19), com o enfoque sobre a televisão, aponta que essas tecnologias têm grande impacto nas relações sociais, sobretudo pelo excesso e velocidade da transmissão de informações e a superação das limitações espaciais.

As mudanças na sociedade atual estão intimamente vinculadas às novas tecnologias da informação. Essas tecnologias têm um impacto significativo não só na produção de bens e serviços, mas também no conjunto das relações sociais. A acumulação de informação, a velocidade na transmissão, a superação das limitações espaciais, a utilização simultânea de múltiplos meios (imagem, som, texto) são, entre outros, elementos que explicam o enorme potencial de mudança que essas tecnologias apresentam.

Assim sendo, notamos que a principal característica da sociedade contemporânea é a transitoriedade, isto é, a velocidade com que o mundo muda. Isso ocorre principalmente por conta da velocidade e excesso de informação (advindos das tecnologias da informação) e do modo de produção (que se encontra cada vez mais acelerado a fim de suprir as necessidades do consumo). Desse modo, a lógica que predomina é a da maior compra e não a da sensatez. Em outros termos, com a transitoriedade, o homem, escravo do tempo, torna-se também escravo do consumo. A escassez de tempo aliada ao excesso de informação faz com que ajamos automaticamente, não compreendendo as manipulações da mídia. Assim sendo, o que importa é estar na moda. É ouvir, cantar e até dançar “ai se eu te pego” sem a capacidade de enxergar a incoerência do feito; é querer ter determinado produto uma vez que o outro (ou “todo o mundo”)



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



tem, independentemente de sua utilidade ou se já possuo um certo produto com as mesmas finalidades. Quer dizer, o valor de si depende da aprovação do outro.

Ainda é preciso levar em conta o papel de socialização que as tecnologias de informação têm. É com a televisão e com a internet, por exemplo, que muitas pessoas – inclusive as crianças – passam a maior parte do tempo. Além disso, cada vez mais em busca de seus direitos, a mulher ganha seu espaço no mercado de trabalho. Com isso, o contato que os pais têm com os filhos é significativamente menor. Raramente há um adulto por perto, de modo que as interpretações das mensagens transmitidas pelas tecnologias de informação são feitas pelas próprias crianças. Nesse contexto, a criança tem acesso aos “segredos da vida” sexual, do dinheiro, da violência, da morte e das doenças, mas não tem a sensatez de uma interpretação adulta, como aponta Tedesco (1998, p. 34):

Produce-se, portanto, uma diminuição do tempo real que os adultos significativos passam com seus filhos. Esse tempo é agora ocupado por outras instituições (escolas, creches, locais especiais para cuidar de crianças, clubes etc), ou pela exposição a meios de comunicação, especialmente a televisão. Vale pois a pena recordar que um dos traços mais importantes da socialização pela televisão é, precisamente, que a criança está relativamente só diante das mensagens que recebe, sem a ajuda dos adultos para interpretá-las.

Até o século XIX, o acesso a esse tipo de informação era mediatizado pela família e pela escola, de modo que o adulto interpretava, ocultava parte e orientava os/aos fatos. Assim, a socialização ocorria por meio dos pais e professores, sendo a escola responsável pela socialização de uma cultura mais ampla, além daquela adquirida em casa na infância. A família tinha o papel principal de lidar com a afetividade e de apresentar fatos menos complexos da vida.

Com a ausência dos pais na infância, a socialização primária ocorre entre criança e televisão e/ou entre criança e um estranho (babá, creche). Isso acarreta ao enfraquecimento da capacidade socializadora dos pais e, conseqüentemente, a mudanças na carga emocional com que são transmitidos os conteúdos de socialização, o que leva à possibilidade de escolha precoce. Se antigamente o filho/aluno não tinha acesso à informação e os pais/professores eram detentores do saber, hoje, com o acesso a um grande número de informação que as crianças têm, os pais e professores perdem a capacidade de controle dessas informações.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



Nesse sentido, as crianças agem de maneira mais independente, discordando facilmente dos pais e professores, pois acreditam saber da “verdade absoluta”, quando, de fato, são em geral reprodutoras de uma ideologia veiculada pelos meios de comunicação. É justamente devido a essa perda da subjetivação (Habermas, 1980), isto é, a incapacidade de identificar os próprios sentimentos, que a escola deve refletir sobre a formação da personalidade dos educandos.

Diante desse novo cenário social, pretendemos, a seguir, discutir de que forma o ensino e aprendizagem de gêneros orais contribui para a atuação do educando de maneira ativa em uma sociedade que exige sujeitos que saibam agir em diferentes situações comunicativas.

Oralidade como prática social

Tal como proposto anteriormente, o objetivo deste trabalho é apontar a importância do ensino de gêneros orais como colaborador para a plena participação do aluno-sujeito na sociedade. Não se trata de uma descoberta sobre o processo de ensino e aprendizagem de língua materna. Pelo contrário, tratamos de orientações já existentes, mas pouco levadas em conta no âmbito escolar. O que se pretende aqui é enfatizar a importância da realização de atividades orais, dado o contexto social em que estamos vivendo. Além disso, serão sugeridos alguns gêneros orais que colaboram para atingir às finalidades da educação. Para tanto, vale refletir sobre letramento e oralidade.

Entendemos que alfabetização refere-se ao processo de leitura e escrita de determinada língua, como lembra Soares (2003, p. 16) ao dizer que alfabetização é “entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico”. Nesse sentido, um indivíduo alfabetizado é aquele capaz de ler e escrever.

Hoje, temos uma perspectiva bastante diferente acerca de leitura e escrita. Saber ler e escrever não significa mais somente ter capacidade de (de)codificar o signo linguístico, mas ir além do texto em sua imanência, levando em conta o contexto de produção, tanto histórica, social quanto ideologicamente, já que a língua é processo de interação utilizado em determinado tempo e espaço por um sujeito que tem uma



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



intenção e é pertencente a uma dada cultura. Atualmente, o ensino de leitura e escrita considera as práticas sociais. Emerge, então, o conceito de letramento.

É curioso que tenha ocorrido em um mesmo momento histórico, em sociedades distanciadas tanto geograficamente e culturalmente, a necessidade de reconhecer e renomear práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Assim, é em meados dos anos 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do *letramento* no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado *alfabetização*, *alphabétisation*. (Soares; 2003, p. 5)

Soares ainda explica que letramento é

o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: sabe ler e lê jornais, revistas, livros; sabe ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz e telefone; sabe escrever e escreve cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, sabe preencher um formulário, sabe redigir um ofício, um requerimento. (1998, p. 26)

Seguindo essa linha de raciocínio, notamos a amplitude do conceito de letramento. Se o processo de alfabetização está pronto e acabado com a aquisição de leitura e escrita da língua, o processo de letramento é contínuo e interminável. Isso porque, com o passar do tempo, todo indivíduo tende a deparar-se com diversos gêneros textuais, de diferentes esferas discursivas. Assim sendo, temos níveis de letramento: quanto maior a familiaridade e domínio de situações comunicativas, mais alto é o nível de letramento.

Apesar disso, com base no cenário social apresentado anteriormente, entendemos que desenvolver as práticas leitoras e de escrita não é suficiente para atender às finalidades da educação brasileira. No que diz respeito à disciplina de Língua Portuguesa, trabalhar com atividades que levam em conta a oralidade é essencial para preparar o aluno para a vida.

Segundo Bakhtin (2003, p. 326), “a língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam”. É por isso que hoje temos o conceito de letramento, pois, se a língua é processo de interação criada convencionalmente por



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



sujeitos pertencentes a uma dada cultura, a fim de executar uma ação social, ela deve ser ensinada levando em conta as práticas sociais, preparando o educando para agir e entender diferentes situações comunicativas.

É por essa razão que a escola não pode ensinar a língua enfatizando sua estrutura, seu vocabulário. Além de o ensino de gramática não alcançar nenhuma das finalidades determinadas pela LDB, outra questão crucial – e a mais importante neste trabalho – é a pouca ênfase dada ao ensino da modalidade oral da língua. Ensinar a escrever não é suficiente para desenvolver plenamente o educando, prepará-lo para o exercício da cidadania e qualificá-lo para o trabalho. Segundo o PCN – Parâmetro Curricular Nacional – de Língua Portuguesa (1998, p. 24)

Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos (...) Mas, se o que se busca é que o aluno seja um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania, crer que essa interação dialogal que ocorre durante as aulas dê conta das múltiplas exigências que os gêneros do oral colocam, principalmente em instâncias públicas, é um engano. Nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola, a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões, os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral.

Determinando ainda que

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. (1998, p. 25)

A esse respeito, Marcuschi (2008, p. 18) defende que

mais urgente (e relevante) do que identificar primazias ou supremacias entre oralidade e letramentos, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e letramentos como simples modos de uso da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e falada) de um modo geral. Essas práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



e das práticas do letramento numa sociedade e justificam que a questão da relação entre ambos seja posta no eixo de um contínuo sócio-histórico de práticas.

Desse modo, entendemos que não basta ensinar oralidade, mas seu ensino deve ocorrer levando em consideração as práticas sociais. É preciso saber falar adequadamente em diferentes situações comunicativas, isto é, utilizar uma linguagem mais formal em uma entrevista de emprego e mais informal em uma conversa com amigos.

Ao ensinar oralidade, o professor de Língua Portuguesa precisa entender a linguagem como forma ou processo de interação, como apresentado em linhas anteriores nas palavras de Bakhtin. Além disso, compreender que tanto a modalidade escrita quanto a oral fazem parte de um *continuum* tipológico, indo do mais informal ao mais formal. É por isso que não escrevemos um bilhete com a mesma formalidade que escrevemos um artigo científico. Igualmente, não falamos com um juiz da mesma forma que falamos com nossos amigos em um churrasco. Não se pode, assim, entender a fala (mesmo em situações informais) como o uso incorreto da língua. Marcuschi (2008, p. 22) esclarece que “*na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e contextos de uso, e de não discriminar seus usuários*”. O autor (2008) sugere que utilizemos na sala de aula o que ele denomina “retextualização”, a fim de esclarecer aos alunos que a escrita não é pura representação da fala.

Busca-se construir (...) um modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita observando a própria atividade de transformação. Serão identificadas as operações mais comuns realizadas na passagem do texto falado para o texto escrito. Esta passagem ou transformação é uma das formas de realizar o que denomino *retextualização* (...) a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem” (2008, p. 46-47)

Entendemos que a modalidade oral é muito mais utilizada que a escrita. Ela é o maior (cremos que também o mais importante) meio de interação social. É por meio da fala que participamos de entrevistas de emprego, muitas vezes exigimos nossos direitos como cidadãos, defendemos nosso ponto de vista e às vezes causamos nossa primeira impressão em alguém; é mediante a oralidade que conseguimos ou não



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



liderar, que somos capazes ou não de trabalhar em equipe e de conquistar ou não o outro, em uma sociedade que exige respeito e coletividade.

Mas é também a partir da fala que desrespeitamos o próximo, causando-lhe sentimentos de inferioridade e raiva, que causamos preconceitos e que manipulamos pessoas. É falando que o chefe melhor pode oprimir o funcionário como o pai o filho e o marido a esposa.

O que se quer dizer é que a escola pode ensinar muito mais que comunicação ao desenvolver a oralidade. Os gestores e professores parecem ainda não se sentir seguros em trabalhar temas polêmicos como racismo e orientação sexual, por exemplo, de modo que os alunos somente têm interpretações feitas a partir de o que as tecnologias de informação mostram em seus jornais e telenovelas, ou seja, não há um conceito formado, mas apenas um pré-conceito. Levar esses temas para escola e propor debates e discussões, por exemplo, pode ser a melhor forma de o aluno ter acesso a diferentes pontos de vista, compreendendo as diferenças e respeitando-as.

A escola que não trabalha com gêneros orais não fornece meios para que os alunos progridam em seus estudos posteriores de maneira eficiente, já que a universidade exige alunos desinibidos e que consigam se comunicar adequadamente em situações mais formais como em seminários e palestras; alunos capazes de argumentar oralmente para defender seus projetos e suas pesquisas.

O ensino de gêneros orais colabora também para o desenvolvimento da criatividade, a qual é tão importante no mercado de trabalho contemporâneo. Atividades de teatralização e de publicidade são uma boa opção.

Em suma, compreendemos que sem o ensino de gêneros orais, a escola não prepara o educando para agir, respeitar e compreender uma sociedade cada vez mais exigente no que diz respeito ao acesso ao mercado de trabalho e às relações sociais. Em outros termos, o aluno de hoje que sai da escola sem saber se comunicar adequadamente em diferentes situações tem grandes chances de ser excluído pelo mundo fora do âmbito escolar.

Considerando as exigências do mercado de trabalho e das relações sociais do mundo moderno, sugerimos alguns gêneros orais possíveis de serem realizados na escola e essenciais para o mundo fora dela.

Gênero	Tipologia predominante	Sugestões
Apresentação	exposição	Esse gênero é uma ótima opção para desinibir os alunos. Sendo assim, pode ser desenvolvido desde as séries iniciais, mesmo que sejam atividades simples, como apresentação pessoal no primeiro dia de aula.
Conferência	exposição	Podem ser criadas situações em que o cada aluno tenha um papel social (político, assessor, ministro), tendo um problema para resolver. É importante que o ambiente (bancadas, posicionamento) seja semelhante a uma conferência.
Contaço de história	narração	O professor pode trabalhar com lendas urbanas, superstições. Uma sugestão é que o aluno de série inicial do Ensino Fundamental recontе histórias ouvidas dos tios, avós. Nessa atividade, o professor pode desenvolver a capacidade de organização de eventos, por exemplo.
Debate	argumentação	Podem ser propostos temas polêmicos como a legalização do aborto ou das drogas ilícitas. Outros temas como racismo e orientação sexual podem ser explorados na tentativa de promover o respeito de si e do outro bem como apresentar diferentes pontos de vista. A fim de desenvolver a capacidade de argumentar, a sala pode ser dividida em dois grupos: um a favor e outro contra, sendo professor mediador.
Discurso	exposição	Para o Ensino Médio, é possível realizar uma atividade a partir de gravações de discursos políticos. O professor pode elaborar atividades de análise textual, para que os

		alunos compreendam o formato e a função social do gênero. A partir da análise, o professor pode propor um debate sobre o tema do discurso ou uma atividade escrita (carta, email) como resposta ao discurso, sendo que os alunos podem criticar e/ou sugerir.
Entrevista	exposição	Nas séries do Ensino Fundamental, podem ser feitas entrevistas com prefeitos, vereadores e/ou assessores do município, por exemplo, como trabalho sobre o aniversário da cidade. Já no Ensino Médio, é possível simular entrevistas de emprego. O trabalho pode ser feito em dupla, sendo um aluno o entrevistador e o outro entrevistado. Antes da entrevista de emprego, é interessante que os alunos já tenham aprendido e produzido o gênero currículo, que poderá ser utilizado na atividade.
Notícia	narração	A notícia pode surgir de algum acontecimento na escola, no bairro ou na cidade. Os alunos podem gravar a notícia (usando câmera ou mesmo celular) e entregar para o professor. Cabe ao professor orientar que mesmo se tratando de um gênero oral, a notícia deve ser planejada e escrita de antemão. O trabalho em grupo facilita, pois nem todos os alunos poderão ter as ferramentas necessárias para a realização da tarefa.
Palestra	exposição	Para o estudo desse gênero, o professor de Língua Portuguesa pode levar os alunos a uma palestra (do PROERD ou outras comuns na escola). Os alunos tomam notas da fala dos palestrantes e, depois,

		transformam o falado em escrito. Pode ser feito um relatório, por exemplo, respeitando as diferenças entre fala e escrita. Esse trabalho ajuda a desenvolver a capacidade de síntese e ajudará muito os alunos que seguirão vida acadêmica.
Propaganda	injunção	Os alunos produzem propagandas que serão apresentadas em classe. Isso deve ser feito depois de ter sido trabalhada a análise do gênero propagandístico, para que os alunos entendam as técnicas de apelação.
Reclamação	descrição/ argumentação	Podem ser criadas situações lúdicas em que os alunos reclamam da compra de um produto. Uma sugestão é que essa atividade seja feita no oitavo ano do Ensino Fundamental, quando os alunos estudam aspectos textuais do gênero propagandístico. A simulação da compra pode partir de um produto divulgado na propaganda que os alunos produziram. A reclamação é uma boa oportunidade para orientar os alunos maneiras educadas de agir nessa situação. A ideia é que seja criado um problema (defeito, propaganda enganosa) e haja gerentes e clientes na “brincadeira”.
Relato pessoal	exposição	Ao invés de a famosa redação com o tema “minhas férias”, o professor pode propor que os alunos relatem algo importante sobre suas férias no primeiro dia de aula. É importante que o educador oriente os alunos a organizar o relato.
Roda de conversa	narração	Depois da leitura de uma narrativa ou de um poema, os alunos sentam-se em roda para comentar suas

		impressões do lido e/ou recontar a história, o que ajuda para uma melhor conexão entre aluno leitor e texto.
Seminário	exposição	Nenhum aluno deveria poder terminar o Ensino Médio sem apresentar um seminário. Além de ser uma ótima oportunidade para o uso de uma linguagem mais formal, o ensino dessa situação comunicativa precisa levar em conta fatores como postura, trabalho em equipe, entonação, interação com o público etc. Importa lembrar que este é um gênero bastante comum na universidade. Uma sugestão é que o professor proponha temas transversais como sexualidade (vida sexual na adolescência, orientação sexual etc), cidadania (no trânsito, no meio ambiente, na escola etc) dentre outros. Em vez de transmitir informações sobre o tema proposto pela escola, o professor de Língua Portuguesa pode pedir para que cada grupo de alunos pesquisem sobre um dos tópicos do tema e organizem um seminário.
Teatro	narração	O teatro pode resultar da leitura de um livro literário. O trabalho com esse gênero é ótimo para o desenvolvimento da criatividade e expressão de emoções.

Como notamos, são várias as possibilidades que o professor de Língua Portuguesa tem a fim de promover atividades orais na sala de aula, seja de forma mais real (entrevista com o prefeito da cidade, palestra), seja de maneira mais lúdica (reclamação de determinado produto, conferência).



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



Importa lembrar que, como toda e qualquer atividade escolar, as sugestões apresentadas acima devem ser planejadas. Na maioria dos casos, os alunos também precisam de tempo para organização. O professor precisa ter em mente que gêneros como entrevista, discurso, conferência, seminário, palestra etc., embora orais, necessitam de uma preparação escrita.

Cabe ao formador ainda conhecer e explicitar aos alunos as diferentes características de cada gênero. Sem o esclarecimento da função social de cada situação comunicativa é possível que haja confusão entre seminário e palestra, apresentação pessoal e relato pessoal, roda de conversa e contação de história, por exemplo.

Além disso, sugerimos que as atividades lúdicas (reclamação, entrevista de emprego, conferência) sejam encaradas pelo docente como algo divertido. Caso contrário, as chances são de que o momento se torne chato, sem a dedicação plena da maioria dos alunos.

Conclusão

Apresentamos, com base em referencial teórico, o contexto complexo da sociedade contemporânea. Vimos que a sociedade moderna é competitiva e que a hierarquia social não depende mais tão-somente de qualificações formais, como ocorria até o início do século XIX. Pelo contrário, com o encurtamento da duração de vida de projetos e, conseqüentemente, exigência de inovações, o mercado de trabalho precisa de profissionais, além de qualificados, criativos e, principalmente, capazes de liderar e trabalhar em equipe.

Além disso, discutimos sobre as condições que as relações sociais impõem, sobretudo no ambiente de trabalho, e sobre o grande papel de socialização que as tecnologias de informação têm, enfatizando a carga emocional com que as informações são recebidas pela criança bem como a ausência da família como mediadora das interpretações dessas mensagens.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



Diante desse cenário social, apontamos para a necessidade de enfatizar o ensino da oralidade na disciplina de Língua Portuguesa, já que, de modo contrário, a escola não consegue atingir seus objetivos, não preparando, assim, seus alunos para uma sociedade que é excludente.

Levando em conta que é preciso saber se comunicar oralmente em diversos contextos para conseguir um emprego e continuar nele, exercer cidadania, buscar seus direitos, prosseguir nos estudos posteriores e entender o outro, podemos afirmar que o ensino de diferentes situações comunicativas orais é essencial para contribuir para a formação de sujeitos que participem ativamente na sociedade.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5.ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência enquanto “ideologia”**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção “Os Pensadores”). 1980.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17. jan./abr., 2003.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 1998.